

# 9

---

## **Desenvolvimento econômico da Região Centro-Oeste: desafios e potencialidades para a atuação do BNDES\***

---

CLÁUDIO FIGUEIREDO COELHO LEAL  
LUCAS LINHARES

\* Os autores agradecem a valiosa contribuição de Humberto Gabrielli.

## RESUMO

*O artigo traça em grandes linhas alguns dos principais desafios do desenvolvimento regional do Centro-Oeste para os quais o BNDES pode contribuir de forma relevante. Nesse contexto, é oferecido um panorama do estágio atual da atuação do Banco na região, procurando esboçar uma análise qualitativa dos desembolsos a projetos em diversos campos de atividade econômica, cotejando esse estado de coisas à luz dos desafios traçados.*

## ABSTRACT

*The article broadly summarizes some of the main challenges to regional development in the Central-west, to which the BNDES can contribute in a more significant fashion. Within this context, an overview of the Bank's current situation and activities in the region is presented, seeking to outline a qualitative analysis of disbursements to projects in several fields of economic activity. This state of affairs is analyzed under the perspectives of the challenges outlined.*

## INTRODUÇÃO

A Região Centro-Oeste do Brasil apresentou importante ímpeto de dinamismo econômico já nas primeiras décadas do século XX, quando começou a ser empreendido um processo, ainda que incipiente, de integração dessa economia regional ao principal núcleo dinâmico da economia nacional, representado pela atividade cafeeira sediada em São Paulo. Até então, o Centro-Oeste caracterizava-se por ser uma área praticamente despovoada, de baixa densidade econômica, assentada em um quadro produtivo essencialmente de subsistência e isolada do restante do país. No referido período histórico, começam a se fazer sentir alguns efeitos de transbordamento da atividade agropecuária paulista e também daquela praticada no Triângulo Mineiro. Tais efeitos, potencializados pela presença de infraestrutura ferroviária, encorajaram a emergência de núcleos produtivos e encontraram amparo em políticas de governo objetivando a colonização e a consolidação de novas áreas agrícolas a partir da Era Vargas.

Todavia, foi na segunda metade do século passado que o processo de ocupação e dinamização econômica do Centro-Oeste ganhou mais força, catalisado pela transferência da capital nacional para Brasília (DF), que tornou mais concreta e robusta a diretriz estatal de interiorização da ocupação demográfica e econômica do Brasil, dando ensejo a importantes fluxos migratórios oriundos das outras regiões do país, principais responsáveis por empreender a penetração estrutural da atividade agropecuária mais intensiva e voltada para exportação, definindo os contornos de uma vocação econômica regional.

A Região Centro-Oeste é composta por três estados (Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul), além do Distrito Federal. Geograficamente, configura uma região estrategicamente localizada no coração da América do Sul que apresenta relevantes zonas de fronteiras com Paraguai e Bolívia, e também com vários estados brasileiros. Ademais, trata-se de uma porção do território nacional cuja geomorfologia traz características típicas de três biomas, quais sejam: (i) Amazônico; (ii) Cerrado; e (iii) Pantanal. A apropriação da rica biodiversidade e das condições geomorfológicas presentes em cada um desses biomas e as decorrentes oportunidades de desenvolvimento econômico, somadas à dimensão geopolítica da ocupação territorial, são fatores que contribuem para explicar o movimento vulgarmente conhecido como a “Marcha para o Oeste”, fluxo demográfico que impulsionou, com fortes estímulos estatais, o processo de urbanização e estabeleceu condições para modernizar e elevar a densidade da economia regional, bem como aprofundar sua integração aos mercados nacional e internacional.

Evidente que, tal como observado com frequência na história de movimentos de modernização econômica, esse processo não se dá sem complexos dilemas e contradições, que tendem a se expressar de maneira particularmente aguda em países da periferia capitalista, como é o caso brasileiro.

Por um lado, observa-se relativa vulnerabilidade econômica, em virtude da constituição de um sistema produtivo primordialmente assentado no agronegócio exportador, caracterizado por intensa volatilidade, seja em função da flutuação de preços e de poder aquisitivo nos mercados demandantes, seja em função de eventos climáticos que podem impactar custos de produção e produtividade dos segmentos líderes da atividade econômica regional.

Por outro lado, observam-se os desafios sociais de converter os ganhos econômicos em avanços nas esferas do bem-estar social da população, além de compatibilizar o desenvolvimento econômico e as dinâmicas de urbanização com a sustentabilidade ambiental, preocupação que passou a merecer atenção central nas sociedades contemporâneas.

Dessa forma, a missão com que se defronta a Região Centro-Oeste do Brasil não é inusual: trata-se de fomentar o desenvolvimento de longo prazo, alavancando as potencialidades de suas vocações econômicas e projetando seus efeitos no território sob a forma de maior equilíbrio na apropriação social do produto econômico e de conservação do arcabouço ecológico cuja exploração predatória poderá, no curso do tempo, inviabilizar a própria vocação econômica historicamente constituída.

Este texto é composto por mais três seções, além desta introdução. O propósito da segunda seção é traçar, em grandes linhas, alguns dos principais desafios do desenvolvimento regional do Centro-Oeste que podem ser identificados com clareza e aos quais o BNDES pode se apresentar a fim de contribuir de forma relevante, dada sua missão institucional e o escopo de sua atuação. A terceira seção procura expor, por meio de algumas informações básicas, um panorama do estágio atual da atuação do Banco na região, procurando cotejar esse estado de coisas à luz dos desafios traçados na seção anterior. A última seção contém algumas considerações finais que buscam alinhar os aspectos centrais do texto e sugerir uma agenda em caráter prospectivo.

## **CENTRO-OESTE: CARACTERÍSTICAS BÁSICAS DA ECONOMIA REGIONAL E ALGUNS DESAFIOS AO DESENVOLVIMENTO**

A Região Centro-Oeste vivenciou significativo crescimento econômico nas últimas décadas, uma vez implantado e consolidado o vetor do agronegócio associado à produção de grãos (principalmente à cultura da soja) e à criação de rebanho bovino, com forte vinculação aos mercados externos. De acordo com dados obtidos no portal do Ipeadata, a participação da região no Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro saltou de 2,5%, na década de 1960, para cerca de 10%, em 2010, atestando a importância do já mencionado movimento de ocupação demográfica e adensamento econômico do interior do país, inicialmente impulsionado pelos governos de Getúlio Vargas a Juscelino Kubistchek. A ramificação da rede viária a partir da nova capital nacional exerceu papel crucial para a expansão do cultivo da soja e das demais culturas agrícolas que se estabeleceram no Cerrado, assim como foi elemento facilitador dos fluxos migratórios para a região. Adicionalmente, cumpre registrar os esforços posteriores do governo federal para ocupação e implantação da atividade agrícola no Cerrado do planalto central, através do Polocentro, um ambicioso programa de estímulo aos investimentos em tecnologia e infraestrutura de apoio à atividade agrícola na região, vigente entre as décadas de 1970 e 1980, cujos resultados e impactos sobre a estrutura econômica local já foram avaliados por uma vasta literatura especializada.<sup>1</sup>

Durante as duas últimas décadas do século XX – fase histórica usualmente classificada na esfera nacional como “perdida” em função do baixo ritmo do crescimento econômico brasileiro –, a Região Centro-Oeste destoou da média nacional e apresentou padrão de crescimento econômico bem mais acelerado: enquanto a média anual de crescimento do PIB nacional girou em torno

---

<sup>1</sup> Ver, por exemplo, Ferreira (1985); Jesus (1993); e Silva (1985).

de 2,5%, o PIB do Centro-Oeste apresentou taxas de expansão próximas a 4% a.a., explicadas pelo aquecimento da atividade agropecuária no Cerrado.

É importante sublinhar que a implantação da atividade agropecuária na região só se mostrou exitosa a partir de pioneiros desenvolvimentos tecnológicos aplicados ao cultivo, que permitiram a incorporação das áreas de Cerrado como base agricultável em ampla escala. A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) desempenhou papel protagonista nessa dinâmica. Por sua constituição original, o solo regional era predominantemente ácido e sem nutrientes, pouco propício à lavoura. A porção de terras férteis no Cerrado era bastante reduzida. As condições naturais foram compensadas ou “corrigidas” pela inserção de fertilizantes químicos e pela adaptação de sementes e culturas às condições locais, elementos de correção desenvolvidos pelas pesquisas agrônômicas. Com a expansão das lavouras e os impactos derivados, o desafio que atualmente se impõe passa pelo desenvolvimento tecnológico associado à sustentabilidade ambiental das culturas agrícolas, assunto que será retomado à frente.

Ainda que tenha havido um processo forte de ocupação demográfica do Centro-Oeste a partir da segunda metade do século passado, trata-se ainda hoje de uma região de baixa densidade demográfica, o que implica grande complexidade para integração econômica e territorial intrarregional e também para a ligação com os mercados mais dinâmicos do país e com o exterior. Não obstante a presença da infraestrutura viária (basicamente rodovias) ter sido fator de estímulo à aceleração do adensamento econômico e demográfico do Centro-Oeste, isso não equivale a dizer que a configuração atual da infraestrutura logística da região deve ser considerada satisfatória. Pelo contrário, alguns estudos<sup>2</sup> demonstram que os custos derivados da deficiência logística representam

---

<sup>2</sup> Ver, por exemplo, Brasil (2007).

importante entrave à economia regional, somente atenuado em virtude da elevada produtividade das unidades de produção “da porteira para dentro”, que é explicada pela tecnologia incorporada na atividade, conforme referido no parágrafo anterior. Assim, o desenvolvimento contínuo da malha viária que orienta os fluxos econômicos da região é aspecto central para redução dos custos de logística e elevação da competitividade, devendo-se observar a adequação dos modais de transportes em função dos benefícios vislumbrados e da minimização dos impactos territoriais negativos. Vale observar que, por sua compleição físico-territorial, marcada pela presença de importantes bacias hidrográficas e extensões de planalto, além de seu perfil econômico com relevante viés exportador, o Centro-Oeste demonstra oportunidades de constituição de um sistema de transportes com papel relevante dos modais hidro e ferroviário, ainda pouco abrangente. De mais a mais, cumpre reter a ideia de que a evolução da infraestrutura logística permanece como tópico central na agenda de desenvolvimento da região.

Cumpre frisar que a especialização da economia regional nos setores primários traz importantes vulnerabilidades, na medida em que consubstancia um aparato econômico pouco autônomo, cujo desempenho fica muito condicionado pelas intempéries dos mercados internacionais de *commodities*. Ademais, a elevada importância da agropecuária no produto regional não tem se revelado capaz de exercer efeito irradiador sobre o conjunto da economia. Dessa forma, um dos caros desafios com que se defronta o território centro-oestino é o de promover efeitos de arraste (*trickle down effects*) sobre outros setores produtivos que possam se beneficiar de externalidades e de relações de encaqueamento com os segmentos primários nos quais o Centro-Oeste se especializou. Assim, será possível levar a efeito um processo de agregação de valor da base exportadora local, elevar a densidade econômica local e reduzir seu grau de dependência do exterior, além de estimular a geração de empregos e renda no

mercado local, fazendo frente ao contingente de migrantes que procura por oportunidades.

Analisando preliminarmente o PIB industrial, constata-se que a participação da Região Centro-Oeste se elevou de cerca de 1% na década de 1960 para aproximadamente 5% atualmente [Brasil (2007)]. Interessante observar que a composição do PIB regional evolui rumo a maior protagonismo dos setores ditos mais “modernos” (indústria e serviços): entre 1970 e 2010, a agropecuária saiu de um patamar de 24% para alcançar 10% de participação no PIB da região. A indústria, que respondia por apenas 7% do PIB em 1970, chegou a 2010 como responsável por 16% da riqueza econômica produzida no Centro-Oeste [Brasil (2007)]. Embora esse possa ser considerado um avanço relevante em termos de diversificação produtiva e ganhos de encadeamentos com os setores primários, o grau de participação atual pode ser considerado aquém das potencialidades para o parque produtivo da região, mesmo porque a observação da realidade mostra que a indústria e os serviços encontram-se concentrados em alguns poucos centros urbanos principais, que findam por distorcer o panorama oferecido pela média regional. Particularmente no que tange ao setor de serviços, a elevada concentração no Distrito Federal pode causar uma impressão falha acerca da região como um todo.

Fato é que o Centro-Oeste passou por transformações de amplo alcance em termos de intensificação do sistema produtivo, que teve simultaneamente como causa e efeito os processos homólogos de intensificação dos fluxos migratórios e da urbanização. Contudo, o núcleo dinâmico continuou assentado sobre a matriz agropecuária, e a trajetória de crescimento econômico não se mostrou responsiva às necessidades de infraestrutura social. Um quadro particularmente grave na região diz respeito ao reduzido acesso da população aos serviços de saneamento básico. O censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010 mostra que a Região Centro-Oeste apresenta um nível de



acesso a esgotamento sanitário abaixo da média nacional [IBGE (2011)], situação que se torna particularmente grave se retirado o Distrito Federal da amostra. Desconsiderando o DF, os três estados do Centro-Oeste apresentam, nesse quesito, os piores indicadores entre as regiões do país. Em que pese a sensível melhoria observada entre 2000 e 2010 pelos censos 2000 e 2010 do IBGE (quando a proporção de domicílios com saneamento considerado adequado saiu de aproximadamente 26% para 38%), a expansão da oferta de saneamento básico se identifica como mais um aspecto central a compor a agenda de desenvolvimento da região.

Outro fenômeno a ser considerado nesse esforço exploratório de caracterização da Região Centro-Oeste é que a aceleração da modernização econômica ensejou importantes impactos ambientais. A intensa exploração do solo sem o devido manejo; as queimadas frequentes e o desmatamento para exploração madeireira são aspectos cruciais que tendem a minar o potencial de desenvolvimento regional de longo prazo, por acarretar a deterioração do meio ambiente que constitui a base física das principais atividades do quadro econômico regional. Os setores econômicos que tipicamente delinearão a economia da região, notadamente a produção em larga escala de monoculturas de grãos e cereais, bem como a pecuária, ocasionaram a supressão de vegetação nativa, com impactos ambientais relevantes, como elevação da emissão de gases de efeito estufa, compactação e erosão do solo, redução da disponibilidade de recursos hídricos, entre outros efeitos pouco mensuráveis, como a perda de biodiversidade.

A morfologia de cerrado compreende a maior extensão do território da Região Centro-Oeste, figurando como a principal receptora de presença antrópica, uma vez que é nessa parte do território que a expansão agropecuária tem se consolidado com maior intensidade, além de ter dado sede à formação de centros urbanos relevantes na rede regional. O Cerrado apresenta elevada capacidade de absorção de carbono, dada a volumosa biomassa conservada no subterrâneo,

podendo exercer, portanto, um papel importante para a manutenção do equilíbrio ecológico e preservação ambiental. Resguardar tais características e aliá-las a uma dinâmica sustentável de produção é tarefa necessária ao desenvolvimento de longo prazo.

Ademais, cumpre assinalar que, além dos setores econômicos já mencionados, a Região Centro-Oeste tem se revelado uma destacada fronteira de expansão da produção sucroalcooleira no Brasil. A participação regional na produção nacional mais do que dobrou no último decênio, alcançando patamar próximo a 15% da produção total do país. Esse parece ser um ramo industrial com perspectiva de crescimento robusto, com relevante impacto sobre o investimento na região.

Além da agropecuária de larga escala, a região conta com presença marcante da agricultura familiar, que representa a maioria absoluta (cerca de 75%) dos estabelecimentos agrícolas no Centro-Oeste, cuja contrapartida é cerca de 20% do Valor Bruto da Produção. Cabem, portanto, avanços importantes nesse campo, que permitam dotar essa atividade de maior grau de diversificação, maior intensidade tecnológica e maior produtividade, contribuindo para cristalizar um modelo de cultivo mais inclusivo e ambientalmente sustentável.

A esse amplo contexto descritivo da geoeconomia do Centro-Oeste brasileiro, cabe acrescentar um último aspecto de natureza transversal, qual seja, a inovação tecnológica. As oportunidades associadas à inovação tecnológica acoplada ao processo de desenvolvimento produtivo passam pelo desenvolvimento de fertilizantes menos tóxicos, sistemas de manejo mais eficientes e menos degradantes, agregação de valor a produtos primários, disseminação de técnicas para consolidação e diversificação dos estabelecimentos de agricultura familiar, entre outras que possam aproximar a economia regional de padrões de competitividade mais elevados e também de uma concepção produtiva alinhada ao conceito de “economia verde”, assegurando, assim, a sustentabilidade da prática produtiva.

## **CONTRIBUIÇÃO DO BNDES NO ENFRENTAMENTO DOS DESAFIOS AO DESENVOLVIMENTO DA REGIÃO CENTRO-OESTE**

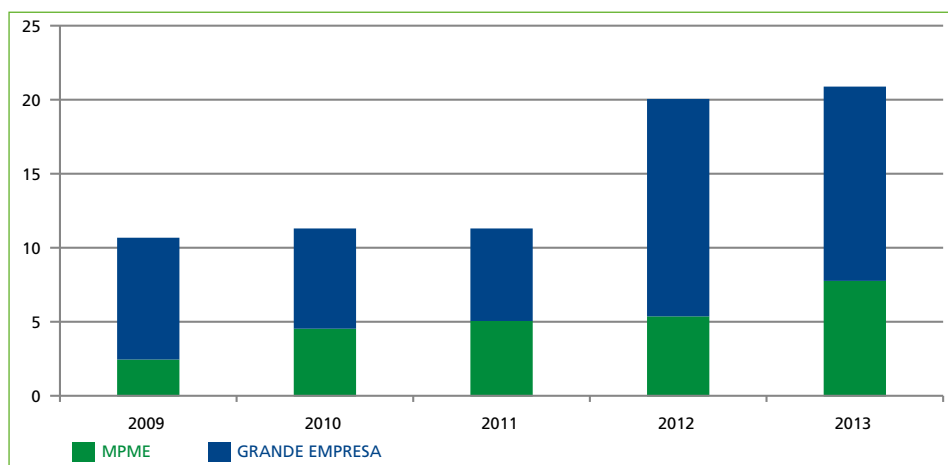
O conjunto de produtos e programas que o BNDES oferece ao empreendedor privado e ao setor público é apresentado com pormenores em outros capítulos deste livro, que buscam ilustrar o apoio do Banco a projetos de investimentos em variadas frentes afetas à agenda de desenvolvimento da Região Centro-Oeste. Esta seção, por seu turno, tem por objetivo oferecer um panorama agregado da atuação do Banco na região e uma visão prospectiva do potencial de aprofundamento de sua contribuição a alguns dos desafios levantados na seção anterior.

De imediato, cabe observar que os desembolsos do BNDES para a Região Centro-Oeste experimentaram importante crescimento no recente período de cinco anos findo em 2013, saltando de R\$ 10,7 bilhões para R\$ 20,9 bilhões. Vale ressaltar que o crescimento se deu tanto na faixa de porte de grande empresa quanto para micro, pequenos e médios empreendimentos (MPMEs). Conforme se verifica pelo Gráfico 1, os desembolsos para MPMEs saem de R\$ 2,4 bilhões em 2009 para R\$ 7,8 bilhões em 2013. Tal evolução sugere a presença de cultura e apetite empreendedor na região, que pode assumir papel progressivamente mais relevante e materializar oportunidades para fazer frente ao desafio de diversificação setorial da pauta produtiva regional e intensificação de encadeamentos produtivos, dinâmica em geral ancorada pelos negócios e investimentos de maior porte.

Cabe registrar, contudo, que não obstante esse importante avanço dos desembolsos do BNDES na Região Centro-Oeste em termos absolutos, a evolução da participação regional no total de desembolsos do Banco tem se mantido em ritmo mais modesto, saindo de 8% em 2009 para aproximadamente 11% em 2013. Essa informação demonstrada permite, no entanto, uma leitura positiva, se considerado o fato de que a participação da Região

Centro-Oeste no PIB brasileiro tem ficado historicamente abaixo de 10%. Dessa forma, é razoável afirmar que a atuação do BNDES apresentou, no período recente, inflexão rumo a uma perspectiva de intensificação do apoio ao desenvolvimento econômico da região, tendo em vista que o montante de desembolsos do Banco no Centro-Oeste passou a corresponder a percentual ligeiramente superior à participação da região no PIB nacional.

**GRÁFICO 1** Desembolsos do BNDES para a Região Centro-Oeste, por porte de empresa, 2009-2013 (em R\$ bilhões)



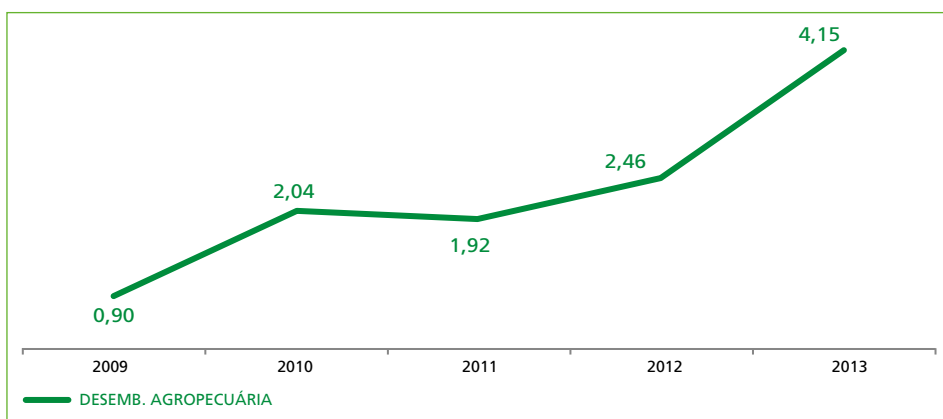
Fonte: BNDES.

Com a perspectiva de elevação contínua do grau de urbanização no planeta, processo particularmente impactante na China, a demanda por alimentos deverá experimentar crescimento significativo nos próximos três decênios. Esse quadro representa demanda crescente pelos produtos da agropecuária do Centro-Oeste brasileiro.

O BNDES tem atuado ativamente no apoio ao setor agropecuário da região, o que pode ser atestado pela expressiva elevação dos desembolsos do Banco para o setor nos últimos cinco anos, conforme pode ser observado no Gráfico 2. No período

entre 2009 e 2013, o montante desembolsado parte do patamar de R\$ 900 milhões e alcança R\$ 4,15 bilhões, reforçando, por conseguinte, a vocação econômica regional.

**GRÁFICO 2** Desembolsos BNDES para o setor agropecuário, Região Centro-Oeste, 2009-2014 (em R\$ bilhões)



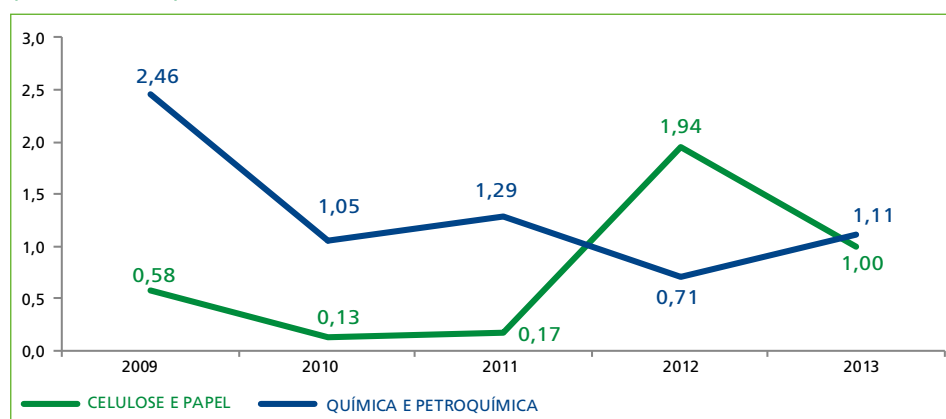
Fonte: BNDES.

Analisando o setor industrial por meio das informações sobre apoio financeiro do BNDES aos diversos ramos de atividade, é possível identificar alguns aspectos que merecem destaque. O setor de celulose e papel, por exemplo, percebeu uma importante fase de investimentos na região, de forma que os desembolsos do BNDES apresentaram um significativo salto de patamar nos dois últimos anos da série, conforme pode ser visto no Gráfico 3. Os investimentos nesse setor, além de contribuírem para consolidar uma matriz produtiva regional mais diversificada, tendem a fazê-lo de forma alinhada à perspectiva de sustentabilidade ambiental.

A indústria química e petroquímica também recebeu atenção importante do BNDES no período. Ainda que os desembolsos para esse ramo não revelem uma tendência crescente de evolução, apresentando montantes de recursos relativamente estáveis ao longo dos anos, a média anual de liberações ficou em

torno de R\$ 1,3 bilhão. Por abrigar a produção de fertilizantes e produtos agroquímicos, esse é um setor de reconhecido mérito e prioritário para a região, tendo em vista sua capacidade imediata de estabelecer encadeamentos produtivos com setores agrícolas que constituem a base econômica regional.

**GRÁFICO 3** Desembolsos BNDES para setores industriais – celulose e papel e química e petroquímica, Região Centro-Oeste, 2009-2013 (em R\$ bilhões)



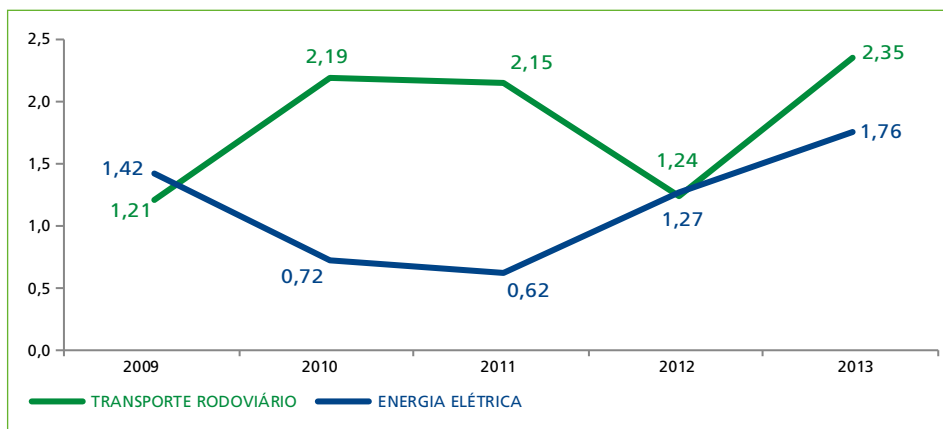
Fonte: BNDES.

No que tange ao apoio do BNDES à infraestrutura na Região Centro-Oeste, os últimos cinco anos demonstram que os segmentos de energia elétrica<sup>3</sup> e transporte rodoviário<sup>4</sup> se destacaram como destinatários de financiamentos do Banco, e este último setor revela o estímulo conferido à integração logística do território e à operação de canais para escoamento da produção. O Gráfico 4 exibe a evolução dos valores desembolsados pelo BNDES a esses dois setores nos últimos cinco anos, revelando robusta contribuição do Banco à alavancagem de investimentos.

<sup>3</sup> Principalmente, segmentos de geração e transmissão de energia elétrica.

<sup>4</sup> Diz respeito a financiamentos a caminhões e ônibus para transporte de carga ou passageiros.

**GRÁFICO 4** Desembolsos do BNDES para setores de infraestrutura – energia elétrica e transporte rodoviário, Região Centro-Oeste, 2009-2013 (em R\$ bilhões)



Fonte: BNDES.

Na esfera da infraestrutura econômica e social, entretanto, há importantes lacunas em que o BNDES deve se empenhar para fomentar uma atuação mais robusta na Região Centro-Oeste, quais sejam: os segmentos de ferrovias e saneamento. Ainda que sejam conhecidas as complexidades associadas à viabilização de um programa mais massivo de investimentos nesses segmentos, usualmente associados a concessões públicas, eles devem ser compreendidos como estratégicos na agenda de desenvolvimento regional.

Por meio da Tabela 1, é possível observar desembolsos de magnitude relevante para o ramo de ferrovias, cuja média dos últimos cinco anos foi de R\$ 270 milhões e que em 2013 alcançou valores superiores a R\$ 300 milhões. Contudo, tendo em vista as características físicas e econômicas da Região Centro-Oeste, esse volume de recursos certamente pode ser considerado aquém das potencialidades e das necessidades de integração logística da região.

**TABELA 1 Desembolsos BNDES para o ramo de ferrovias, Região Centro-Oeste, 2009-2013 (em R\$)**

Ano	2009	2010	2011	2012	2013
Desembolsos	219.285.924	262.420.523	356.113.466	173.125.833	334.564.144

Fonte: BNDES.

Em relação ao ramo de saneamento, considerado seu impacto social como gerador de externalidades positivas, deve ocupar posição nuclear na política de desenvolvimento regional. Conforme ilustrado na Tabela 2, o BNDES tem realizado operações de alcance ainda restrito nesse segmento, de forma que o desembolso médio anual do período 2009-2013 ficou em torno de R\$ 30 milhões. Dada a importância do acesso a saneamento para o bem-estar e as condições de saúde da população, cabe sublinhar o grande potencial ainda inexplorado para investimentos.

**TABELA 2 Desembolsos BNDES para o ramo de saneamento, Região Centro-Oeste, 2009-2013 (em R\$)**

Ano	2009	2010	2011	2012	2013
Desembolsos	15.200.873	36.221.215	31.081.261	40.792.623	28.961.373

Fonte: BNDES.

Voltando o olhar para a dimensão do desenvolvimento econômico associado à sustentabilidade ambiental, o BNDES tem buscado mobilizar esforços para aplicação de recursos alinhados à ideia de fortalecer a “economia verde”. Essa classificação contempla o apoio do BNDES a segmentos associados ao desenvolvimento sustentável, tais como energias renováveis e eficiência energética, hidrelétricas, transporte público, gestão de resíduos sólidos, manejo florestal, entre outros. No período compreendido entre 2009 e 2013, foi aplicado montante superior a R\$ 12 bilhões em projetos de investimentos associados à “economia verde” na Região Centro-Oeste.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente texto teve por propósito traçar um panorama não exaustivo de alguns dos principais desafios ao desenvolvimento da Região Centro-Oeste e oferecer uma breve descrição acerca da contribuição do BNDES para o enfrentamento desses desafios.

Se possível sintetizar o desafio de inflexão estrutural na economia do Centro-Oeste, este diz respeito à denominada dinâmica de progressiva “descommoditização”, que permita migrar de um estágio de economia de base estritamente agropecuária para uma lógica mais avançada de “complexos agroindustriais”, apoiados em irradiação de efeitos para trás e para frente na cadeia do agronegócio e movidos por inovação tecnológica e sustentabilidade ambiental. Essa complexa tarefa deve, paralelamente, traduzir o dinamismo econômico em configuração social de maior equilíbrio, de modo que a riqueza produzida signifique provisão de bem-estar ao conjunto do território.

O desenvolvimento da logística regional é fundamental para a dinâmica de adensamento da economia, de forma a intensificar o ritmo dos fluxos econômicos que têm o Centro-Oeste como origem ou como destino. Vislumbra-se clara oportunidade para intensificação do apoio do BNDES a projetos nesse campo.

Outra lacuna particularmente importante no cenário social da região diz respeito ao saneamento básico, que apresenta alcance abaixo da média nacional. Não obstante as notórias dificuldades de fomentar investimentos nesse setor, o BNDES dispõe de instrumentos para apoiar a expansão da oferta de saneamento, tornando esse quadro da Região Centro-Oeste mais próximo da realidade nacional e, preferencialmente, ainda melhor.

Há amplo consenso acerca do fato de que empreender uma trajetória de desenvolvimento dessa magnitude exige a coordenação de esforços multi-institucionais em torno de metas coletivamente definidas e legitimadas. O BNDES se apresenta para

prestar contribuição por meio de sua experiência analítica e conhecimentos setoriais acumulados, além, é claro, do conjunto de instrumentos financeiros sob gestão do Banco que podem apoiar a concretização da complexa tarefa de materialização de uma configuração produtiva alinhada à ideia de futuro concebida pela população da Região Centro-Oeste.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Integração Nacional. *Plano Estratégico de Desenvolvimento do Centro-Oeste (2007-2020)*. 2007. Disponível em: <[www.sudeco.gov.br/pdco](http://www.sudeco.gov.br/pdco)>. Acesso em: 18 jul. 2014.
- FERREIRA, R. J. A atuação do POLOCENTRO e o desenvolvimento regional. *Fundação João Pinheiro*, Belo Horizonte, v. 15, n. 5-6, p. 3-17, mai.-ago. 1985.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Indicadores Sociais Municipais: uma análise dos resultados do universo do Censo Demográfico 2010*. 2011.
- JESUS, L. C. *A ocupação dos Cerrados – O POLOCENTRO e seus impactos em Minas Gerais*. Monografia (Mestrado em Economia) – Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.
- SILVA, R. A expansão das fronteiras produtivas no Cerrado. *Fundação João Pinheiro*, Belo Horizonte, v. 15, n. 5-6, p. 53-61, 1985.